

Card. Stanisław Ryłko  
Presidente  
Pontifício Conselho para os Leigos  
Cidade do Vaticano

## **XXI CURSO PARA OS BISPOS**

*Rio de Janeiro, 4 a 8 de fevereiro de 2013 – Centro de Estudos do Sumaré*

### **Movimentos eclesiais e novas comunidades: um poderoso recurso para a missão continental na América Latina**

1. Já fazem algumas décadas que assistimos a uma grande difusão dos movimentos eclesiais e das novas comunidades na América Latina. Impressiona a riqueza e a variedade dos carismas que o Espírito Santo suscita no povo de Deus e o extraordinário impulso missionário que os mesmo possuem. Muitos destes são de origem latino-americana. Voltando de sua viagem apostólica ao Brasil, o Papa Bento XVI comentava assim este dado: «Devemos, parece-me, redescobrir a grande herança do Concílio [...] com as experiências que fizemos e que deram fruto em tantos movimentos, tantas novas comunidades religiosas. Fui ao Brasil sabendo como se expandem as seitas [...];mas quando cheguei vi que quase todos os dias no Brasil nasce uma nova comunidade religiosa, nasce um novo movimento, não crescem só seitas. Cresce a Igreja com novas realidades cheias de vitalidade, não a ponto de encher as estatísticas esta é uma esperança falsa, a estatística não é a nossa divindade mas crescem nos ânimos e geram a alegria da fé, geram a presença do Evangelho, geram assim também verdadeiro desenvolvimento do mundo e da sociedade».<sup>1</sup> Trata-se, sem dúvida, de um importante “sinal dos tempos”, que mostra a vitalidade da Igreja na América Latina e requer portanto uma resposta pastoral adequada.

Neste sentido, houve uma significativa mudança de direção com a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, que se realizou em Aparecida, tendo como tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6)”. Inaugurada pelo Santo Padre Bento XVI em 13 de maio de 2007, tal

---

<sup>1</sup> BENTO XVI, *Encontro com o Clero das Dioceses de Belluno-Feltre e Treviso*, 26.07.2007.

Conferência forneceu, de fato, uma importante chave de leitura eclesiológica e pastoral de um fenômeno que, em nossos dias, merece atenção, lançando as bases para uma maior valorização do papel das novas realidades agregativas no tecido da Igreja latino-americana.

Já na fase preparatória da Conferência, por iniciativa do Celam e com a colaboração do Pontifício Conselho para os Leigos, de 12 a 15 de março de 2006 tinha-se realizado em Bogotá o primeiro Congresso dos movimentos eclesiais e das novas comunidades da América Latina. Acompanhados de numerosos bispos, os delegados tinham dado um testemunho de profunda comunhão eclesial e de forte compromisso pela evangelização, prova ulterior de como em um mundo secularizado, movimentos e novas comunidades sejam instrumentos providenciais para a formação de autênticos discípulos e missionários de Cristo. Não por acaso, a Conferência de Aparecida incluiu uma nova categoria de participantes: os delegados – nomeados pelo Santo Padre – de cinco movimentos eclesiais e novas comunidades presentes na América Latina (Caminho Neocatecumenal, Comunhão e Libertação, Comunidade Católica Shalom, Movimento Apostólico de Schönstatt, Movimento de Vida Cristã). O tema dos movimentos em Aparecida foi evocado muitas vezes, seja no grande discurso de abertura de Bento XVI seja nas intervenções dos bispos que participaram dos trabalhos. E o termo “movimento” aparece cerca de trinta vezes em diversas passagens do *Documento conclusivo* que sanciona a opção pastoral da Igreja latino-americana em favor destes novos carismas. Cito alguns trechos entre os mais significativos: «Valoriza-se a presença e o crescimento dos movimentos eclesiais e novas comunidades que difundem sua riqueza carismática, educativa e evangelizadora»;<sup>2</sup> «As associações leigas, movimentos apostólicos eclesiais e caminhos de formação cristã, as comunidades eclesiais e as novas comunidades, que devem ser apoiados pelos pastores, são um sinal de esperança. Estes ajudam muitos batizados e muitos grupos missionários a viver com maior responsabilidade sua identidade cristã e colaborar mais ativamente na missão evangelizadora»;<sup>3</sup> «Os novos movimentos e comunidades são um dom do Espírito Santo para a Igreja. Neles, os fiéis, encontram a oportunidade de se formar cristãmente, crescer e comprometer-se apostolicamente, até ser verdadeiros discípulos-missionários»;<sup>4</sup> «Movimentos e novas comunidades constituem valiosa contribuição na realização da Igreja particular. Por sua própria natureza, expressam a dimensão carismática da Igreja»;<sup>5</sup> «Também, os movimentos e novas comunidades são uma oportunidade para que muitas pessoas afastadas possam ter uma experiência de encontro vital com Jesus Cristo, e assim recuperar sua identidade batismal e sua ativa participação na vida da Igreja. Neles, “podemos ver a multiforme presença e ação santificadora do Espírito”».<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> CELAM, *V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano e do Caribe, Aparecida 2007, Documento Conclusivo*, n. 99 e.

<sup>3</sup> *Ibidem*, n. 214.

<sup>4</sup> *Ibidem*, n. 311.

<sup>5</sup> *Ibidem*, n. 312.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

Tais afirmações são mais significativas ainda tendo em vista o audacioso projeto de uma missão continental na América Latina, que veio à luz exatamente durante a Conferência de Aparecida e que é assim delineado no *Documento conclusivo*: «Assumimos o compromisso de uma grande missão em todo o Continente, que de nós exigirá aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter cada cristão em discípulo missionário. [...]Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja ». <sup>7</sup> A urgência com a qual é apresentada a missão continental na América Latina é mais que justificada pela dimensão dos desafios que a pós-modernidade lança à Igreja: o dilagante processo de secularização e uma verdadeira e própria ditadura do relativismo; o assustador vazio de valores que daí deriva e que junto com o niilismo, tem como consequência uma alarmante erosão da fé, um “estranho esquecimento de Deus” (Bento XVI); a invasão das seitas, a difusão de estilos de vida ditados pela *New Age* e de fenômenos para-religiosos como o ocultismo e a magia. O mundo globalizado é uma gigantesca terra de missão cuja evangelização exige uma radical mudança de mentalidade, um despertar das consciências. Como dizia o Beato João Paulo II, são necessários novos métodos, novas expressões, uma renovada coragem. E o *Documento conclusivo* da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe reforça com a afirmação: «A conversão pastoral das nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária». <sup>8</sup>

Tendo precisamente isto em consideração, no itinerário pastoral do “pós-Aparecida”, o Celam quis inserir o segundo Congresso dos movimentos eclesiais e das novas comunidades da América Latina, promovido em colaboração com o Pontifício Conselho para os Leigos. Durante o Congresso, que se realizou em Bogotá de 28 de fevereiro a 2 de março de 2008, os movimentos presentes manifestaram com prontidão e generosidade a sua plena disponibilidade a responder ao apelo missionário da Igreja que vive no continente latino-americano. A mensagem que daí emergiu foi de uma forte esperança, pois, como veremos adiante, estas novas realidades constituem um imprescindível recurso evangelizador para a realização da missão da Igreja em nosso tempo.

2. Vale a pena, certamente, retornar a alguns pilares do magistério eclesial sobre os movimentos e as novas comunidades, que têm como ponto de referência fundamental o Concílio Vaticano II. Entre os inúmeros frutos gerados pelo Concílio na vida da Igreja deve ser incluído, e em destaque, a nova estação agregativa dos fiéis leigos. Deve-se precisamente à eclesiologia e à teologia do laicato desenvolvidas pelo Vaticano II o nascimento, junto às associações de antiga tradição, de numerosas outras conhecidas como “movimentos eclesiais” e

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, n. 362 e n. 365.

<sup>8</sup> *Ibidem*, n. 370.

“novas comunidades”.<sup>9</sup> Mais uma vez o Espírito Santo interviu na história, dando à Igreja carismas portadores de um extraordinário dinamismo missionário e respondendo assim, tempestivamente, aos dramáticos desafios da nossa época. Não por acaso o Beato João Paulo II, que acompanhava estas novas realidades eclesiais com particular afeição e solicitude pastoral, pôde afirmar: «Um dos dons do Espírito Santo ao nosso tempo é certamente o florescimento dos movimentos eclesiais, que desde o início do meu pontificado continuo a indicar como motivo de esperança para a Igreja e para os homens». <sup>10</sup> O Papa Wojtyła era profundamente convicto que os movimentos eclesiais fossem sinal de um “novo advento missionário”, de uma “grande primavera cristã” preparada por Deus em proximidade do terceiro milênio da Redenção.<sup>11</sup> E esta foi uma das grandes e proféticas “apostas” do seu pontificado. «A vossa própria existência – escrevia aos participantes do Congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo Pontifício Conselho para os Leigos em 1998 – é um hino à unidade na pluriformidade querida pelo Espírito e dela dá testemunho. Com efeito, no mistério da comunhão do Corpo de Cristo, a unidade jamais é homogeneidade monótona, negação da diversidade, assim como a pluriformidade jamais se deve tornar particularismo ou dispersão. Eis por que cada uma das vossas realidades merece ser valorizada pelo peculiar contributo que oferece à vida da Igreja ». <sup>12</sup> E a propósito da identidade eclesial dos movimentos ressaltava como «na Igreja não existe contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, da qual os movimentos são uma expressão significativa. Ambas são co-essenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus, porque concorrem juntas para tornar presentes o mistério de Cristo e a Sua obra salvífica no mundo». <sup>13</sup>

Movimentos eclesiais e novas comunidades trazem em si um precioso potencial evangelizador do qual a Igreja tem grande necessidade, representam um recurso não ainda conhecido e valorizado plenamente. Dizia ainda o Beato João Paulo II: «No nosso mundo [...] dominado por uma cultura secularizada que fomenta e difunde modelos de vida sem Deus, a fé de muitos é posta à dura prova e, não raro, é sufocada e extinta. Percebe-se, então, com urgência a necessidade de um anúncio forte e de uma sólida e aprofundada formação cristã. Como é grande, hoje, a necessidade de personalidades cristãs amadurecidas, conscientes da própria identidade baptismal, da própria vocação e missão na Igreja e no mundo! E eis, então, os movimentos e as novas comunidades eclesiais: eles são a resposta, suscitada pelo Espírito Santo, a este dramático desafio do final de milênio. Vós sois esta resposta providencial!». <sup>14</sup> João Paulo II indicava aqui duas

---

<sup>9</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles laici* n. 29.

<sup>10</sup> JOÃO PAULO II, *Homilia na vigília de Pentecostes*, 25.05.1996.

<sup>11</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio*, n. 86.

<sup>12</sup> JOÃO PAULO II, *Mensagem aos participantes no Congresso mundial dos movimentos eclesiais*, 27.05.1998.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> JOÃO PAULO II, *Aos participantes dos movimentos eclesiais e das novas comunidades na vigília de Pentecostes*, 30.05.1998.

prioridades fundamentais da evangelização, do “fazer discípulos” de Jesus Cristo: uma “sólida e profunda formação” e um “anúncio forte”. Dois âmbitos nos quais, como veremos melhor mais adiante, movimentos eclesiais e novas comunidades produzem frutos estupendos na vida da Igreja, tornando-se verdadeiros “laboratórios da fé” para milhões de cristãos dos mais recônditos lugares do planeta, verdadeiras escolas de santidade e de missão

O magistério do Papa Bento XVI sobre os movimentos eclesiais e as novas comunidades coloca-se em perfeita continuidade com o ensinamento de João Paulo II. Ele sempre teve uma grande consideração pela obra que eles fazem a serviço da missão da Igreja e, ainda prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, afirmava que estes representam uma constante na história da Igreja: «Existe a permanente forma basilar da vida eclesial na qual se expressa a continuidade da ordem histórica da Igreja. E acontecem sempre novas irrupções do Espírito Santo, que tornam sempre viva e nova a estrutura da Igreja».<sup>15</sup> Segundo o cardeal Joseph Ratzinger, para fundamentar corretamente a visão teológica dos movimentos não basta a dialética dos princípios – instituição e carisma, cristologia e pneumatologia, hierarquia e profecia –, porque a Igreja é edificada não dialeticamente, mas organicamente. Ele propõe uma outra via, ou seja, um método histórico, identificando na “sucessão apostólica” e na “apostolicidade” a justa colocação dos movimentos na Igreja. Uma perspectiva que revela a própria razão de existir dos movimentos e novas comunidades: a missão que ultrapassa os confins das Igrejas locais para chegar até os confins da terra.<sup>16</sup> Os movimentos são portadores particularmente persuasivos da “novidade” da vida cristã. A propósito, o cardeal Ratzinger escrevia: «Nestes [...] o cristianismo é presente como acontecimento de novidade e é percebido por pessoas que muitas vezes chegam ali vindo de realidades muito distantes, como a possibilidade de viver, e de poder viver neste tempo». E acrescentava: «Existem hoje cristãos “isolados” que se põem fora deste estranho consenso da existência moderna, que tentam novas formas de vida, estes, sem dúvida não chamam particularmente a atenção da opinião pública, mas fazem algo que indica verdadeiramente o futuro».<sup>17</sup> No seu pensamento, portanto, a novidade da qual os movimentos eclesiais e as novas comunidades são portadores, faz dos mesmos uma espécie de profecia do futuro.

Após a sua eleição como Papa, Bento XVI permaneceu fiel a esta sua leitura profunda da situação da Igreja. Em uma época em que é difusa a opinião que o cristianismo seja algo cansativo e opressivo de se viver, os movimentos testemunham com grande força persuasiva a beleza de ser cristãos.<sup>18</sup> Por isto o Papa afirma que «a Igreja deve valorizar estas realidades e ao mesmo tempo deve guiá-las com sabedoria pastoral, para que contribuam da melhor forma, com a

<sup>15</sup> J. RATZINGER, *I movimenti ecclesiali e la loro collocazione teologica*, in: *I movimenti nella Chiesa*, Pontificium Consilium pro Laicis, Città del Vaticano 1999, p. 25.

<sup>16</sup> *Ibidem*, pp. 32-36.

<sup>17</sup> J. RATZINGER, *Il sale della terra. Cristianesimo e Chiesa cattolica nella svolta del millennio*, Edizioni San Paolo, Milano 1997, pp. 145-146.

<sup>18</sup> Cf. BENTO XVI, *Discurso aos participantes à peregrinação promovida pela Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 24.03.2007.

diversidade dos seus dons, para a edificação da comunidade [...] A Igreja local e os movimentos não estão em contraste um com o outro, mas constituem uma estrutura viva da Igreja».<sup>19</sup> Dizia durante o encontro mundial com os movimentos eclesiais e as novas comunidades na praça de São Pedro no dia 3 de junho de 2006, vigília de Pentecostes: «Nele [no Espírito Santo] multiplicidade e unidade caminham juntas. Ele sopra onde quer. E fá-lo de maneira inesperada, em lugares imprevistos e de maneiras precedentemente inimagináveis. E com que multiformidade e corporeidade o faz! É também precisamente aqui que a multiplicidade e a unidade são inseparáveis entre si. Ele quer a vossa multiformidade, e deseja que sejais o seu único corpo, na união com as ordens duradouras as junturas da Igreja, com os sucessores dos Apóstolos e com o Sucessor de São Pedro. [...] Estimados amigos, peço-vos que sejais ainda mais, muito mais, colaboradores no ministério apostólico universal do Papa, abrindo as portas a Cristo».<sup>20</sup> São estas orientações que devem servir de bússola na missão evangelizadora da Igreja em nossos dias.

3. Na realização da sua missão no mundo contemporâneo a Igreja deve confrontar-se com os grandes desafios da formação e do anúncio, âmbitos nos quais – como já acenamos – movimentos eclesiais e novas comunidades dão uma contribuição preciosa. Falar hoje de formação dos cristãos a uma fé madura significa tocar um ponto nevrálgico, pois vivemos em um tempo em que são minados os próprios fundamentos do processo educativo da pessoa. Como advertia o cardeal Ratzinger, «Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.»<sup>21</sup> A cultura dominante gera personalidades fragmentadas, fracas, incoerentes. E há quem lance o apelo: «Está acontecendo algo que nunca aconteceu antes: está em crise a capacidade de uma geração de adultos de educar os próprios filhos. Por anos, dos novos púlpitos – escolas e universidades, jornais e televisões – pregou-se que a liberdade é a ausência de laços e de história, que se pode crescer sem pertencer a nada nem a ninguém, seguindo simplesmente os próprios gostos ou prazeres. Tornou-se normal pensar que tudo é igual, que nada no fundo tem valor, a não ser o dinheiro, o poder e a posição social. Vive-se como se a verdade não existisse, como se o desejo de felicidade, inerente ao coração do homem, fosse destinado a ficar sem resposta [...] Uma cultura demoliu sistematicamente as condições e os lugares mesmos da educação: a família, a escola, a Igreja».<sup>22</sup> O influxo desta cultura não poupa infelizmente os batizados. Eis aí, então, identidades cristãs fracas e confusas, a fé que assume vestes de uma prática rotineira que corre o risco de abrir espaços a um perigoso sincretismo de superstição, magia e *New Age*; uma pertença à Igreja

---

<sup>19</sup> BENTO XVI, *Incontro con i vescovi della Germania*, “La traccia” 7/8 (luglio-agosto 2005), p. 350.

<sup>20</sup> BENTO XVI, *Homilia na Vigília de Pentecostes*, 03.06.2006.

<sup>21</sup> J. RATZINGER, *Homilia da Santa Missa “pro eligendo Romano Pontifice*, 18.04.2005.

<sup>22</sup> *Se ci fosse una educazione del popolo tutti starebbero meglio. Appello*, “Atlantide”, n. 4 /12/ 2005, p. 119.

superficial e distraída, que não incide de modo algum, ou pelo menos não significativamente, nas escolhas e comportamentos. O Papa Bento XVI fala de uma “emergência educativa” que consiste na «crescente dificuldade que se encontra em transmitir às novas gerações os valores de base da existência e de um reto comportamento».<sup>23</sup> A família cristã, sozinha, não consegue mais transmitir a fé aos jovens, nem a paróquia é suficiente para tal objetivo, mesmo permanecendo a estrutura básica indispensável à pastoral que se faz no território. As paróquias, normalmente nas grandes cidades, abraçam regiões demasiadamente vastas – quando não se trata de verdadeiros e próprios bairros-dormitórios – onde estabelecer relações pessoais é algo árduo e onde elas têm dificuldade em se tornar lugares onde se faz uma autêntica iniciação cristã. É exatamente aqui que se abre o discurso sobre os movimentos eclesiais enquanto lugares de uma profunda e sólida formação cristã. Movimentos e novas comunidades caracterizam-se, de fato, por uma rica variedade de métodos e itinerários educativos extraordinariamente eficazes. Qual é a razão da força pedagógica deles? Este “segredo” encontra-se nos carismas que os geraram e que constituem a sua alma. É uma formação que parte da conversão do coração. Não por acaso, estas novas realidades eclesiais contam entre os próprios membros numerosos convertidos, pessoas que antes estavam “distantes”. Na base de tal processo, portanto, está sempre um encontro pessoal com Cristo, aquele encontro que muda a vida. Porque, como escreveu o Papa Bento XVI na sua primeira encíclica, «ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo».<sup>24</sup> Um encontro mediado por testemunhas credíveis, que no movimento reviveram a experiência dos primeiros discípulos: «Vinde e vede» (*Jo* 1,46). A conversão do coração é às vezes um processo gradual que requer tempo, às vezes é como uma fulguração inesperada e surpreendente, mas é sempre vivida como um dom gratuito de Deus que faz o coração transbordar de alegria. «Deus existe, eu o encontrei»: quantos membros de movimentos eclesiais e novas comunidades poderiam fazer próprias estas palavras de André Frossard, ele mesmo convertido!

A formação é o âmbito por excelência no qual se expressa a originalidade dos carismas de movimentos e novas comunidades, cada um dos quais baseia o processo educativo da pessoa sobre uma pedagogia própria e específica. Normalmente, uma pedagogia cristocêntrica que busca o que é essencial, ou seja, reavivar na pessoa a vocação batismal própria dos discípulos de Cristo. Uma pedagogia que não mitiga o Evangelho, que exige e estabelece como meta a santidade. Uma pedagogia desenvolvida dentro de pequenas comunidades de batizados que – sobretudo em uma sociedade “atomizada”, na qual se difundem a solidão e a despersonalização das relações humanas – vêm a constituir um ponto de referência e de indispensável apoio. Uma pedagogia que abraça todas as dimensões da existência humana e gera um sentido de pertença ao movimento,

---

<sup>23</sup> BENTO XVI, *Discurso de abertura dos trabalhos do Congresso da diocese de Roma*, 11.06.2007.

<sup>24</sup> BENTO XVI, Carta encíclica *Deus caritas est*, n. 1.

que é diferente de qualquer outra adesão a grupos ou círculos setoriais de vários tipos e se traduz em um forte sentido de pertença à Igreja, em um vivo amor pela Igreja. Não é portanto demasiadamente ousado afirmar que movimentos e novas comunidades são verdadeiras escolas para a formação de cristãos “adultos”. Como escrevia alguns anos atrás o cardeal Ratzinger, estes são «modos fortes de viver a fé, que reanimam as pessoas e dão-lhes vitalidade e alegria, uma presença de fé, portanto, que tem um significado para o mundo».<sup>25</sup> Para completar o quadro é bom pelo menos acenar ao papel que, no contexto da Igreja latino-americana, estas realidades podem ter em relação ao fenômeno radicado e difundido da piedade popular. Movimentos eclesiais e novas comunidades oferecem, de fato, pedagogias de evangelização aptas a contribuir com eficácia ao bom direcionamento desta religiosidade, colhendo e aprofundando aspectos importantes desta, sem diminuir o seu valor na vida do povo.<sup>26</sup>

4. A segunda grande urgência à qual respondem os movimentos e as novas comunidades é o anúncio forte e convincente do Evangelho. Na celebração de abertura da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos dedicada ao tema: “A nova evangelização para a transmissão da fé”, o Santo Padre Bento XVI afirmou: «Também nos nossos tempos, o Espírito Santo suscitou na Igreja um novo impulso para proclamar a Boa Nova, um dinamismo espiritual e pastoral que encontrou a sua expressão mais universal e o seu impulso mais autorizado no Concílio Ecumênico Vaticano II. Este renovado dinamismo de evangelização produz uma influência benéfica sobre os dois “ramos” concretos que desenvolvem a partir dela, ou seja, por um lado, a *missio ad gentes*, isto é, a proclamação do Evangelho para aqueles que ainda não conhecem a Jesus Cristo e a Sua mensagem de salvação; e, por outro lado, a *nova evangelização*, destinada principalmente às pessoas que, embora batizadas, se distanciaram da Igreja e vivem sem levar em conta prática cristã. A Assembleia sinodal que se abre hoje é dedicada a essa nova evangelização, para ajudar essas pessoas a terem um novo encontro com o Senhor, o único que dá sentido profundo e paz para a nossa existência; para favorecer a redescoberta da fé, a fonte de graça que traz alegria e esperança na vida pessoal, familiar e social»<sup>27</sup>. Sim, cresce de maneira assustadora o número de pessoas que não conhecem Cristo, hoje se espalha um novo paganismo! Nesta situação – o último Sínodo dos Bispos nos recorda – não é suficiente uma pastoral de conservação (mesmo sendo esta necessária!), mas é preciso identificar com urgência novas maneiras de levar de novo o Evangelho ao mundo atual, de anunciar Cristo aos homens de hoje.

E eis que os movimentos eclesiais e as novas comunidades trazem dentro de si uma extraordinária capacidade de reavivar nos fiéis leigos impulso apostólico e coragem missionária. Deste modo, defendem os próprios membros da tentação de cair em uma atitude de fechamento egoísta em si mesmos,

---

<sup>25</sup> J. RATZINGER, *Il sale della terra*, op. cit., p. 18.

<sup>26</sup> Cfr. PAULO VI, Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, n. 48.

<sup>27</sup> BENTO XVI, *Santa Missa para a abertura da XIII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 07.10.2012.



protegem do risco de considerar a própria comunidade de pertença como uma espécie de refúgio, lugar onde, em um intenso clima de amizade, abrigar-se e fugir dos problemas do mundo. Ajudam a superar as barreiras da timidez, do medo e dos falsos complexos de inferioridade que a cultura laicista semeia em muitos cristãos. São tantos os que viveram uma transformação interior semelhante. E a viveram como algo surpreendente, pois nunca teriam imaginado que seriam capazes de anunciar o Evangelho desta forma e de participar de tal modo da missão da Igreja. O desejo de “fazer discípulos” de Jesus Cristo aceso pelos movimentos, impulsiona solteiros, casais de esposos e famílias inteiras a abrir mão de tudo para partir em missão. Sem negligenciar o testemunho pessoal, de fato, os movimentos eclesiais e novas comunidades insistem, sobretudo, no anúncio direto do evento cristão, redescobrimo o valor do *kerigma* como método de catequese e de pregação. Desta forma, estes atendem a uma das mais urgentes necessidades da Igreja dos nossos tempos, ou seja, a da catequese para os adultos, compreendida como verdadeira iniciação cristã, que revela todo o valor e a beleza do sacramento do Batismo.

Desde sempre, um dos maiores obstáculos à obra de evangelização é a *routine*, o hábito que rouba frescor e força do anúncio e do testemunho cristão. Pois bem, os movimentos rompem com os esquemas habituais do apostolado, repensam formas e métodos e repropõem os mesmos em modo novo. Movem-se com naturalidade e coragem em direção às fronteiras dos modernos areópagos da cultura, dos meios de comunicação de massa, da economia e da política. Reservam uma atenção particular aos sofredores, aos pobres, aos marginalizados. Quantas obras sociais nasceram a partir das suas iniciativas! Não esperam que os distantes voltem por si mesmos à Igreja, vão buscá-los. Para anunciar Cristo não hesitam em sair pelas ruas e pelas praças das cidades, em entrar nos supermercados, nos bancos, nas escolas e nas universidades – onde quer que viva o homem. O zelo missionário os impulsiona a ir “até os confins da terra.” E se difundem no mundo, demonstrando que os carismas que os geraram podem alimentar a vida cristã de homens e mulheres de toda e qualquer latitude, cultura e tradição. Não somente. Inserindo-se no tecido das Igrejas locais, estes se tornam sinais eloquentes da universalidade da Igreja e da sua missão. Surge exatamente daí a sua particular relação com o ministério do Sucessor de Pedro. É surpreendente a criatividade missionária que, mediante estes novos carismas, o Espírito Santo suscita na Igreja dos nossos dias. Hoje se fala muito de evangelização, são organizados congressos, simpósios, seminários de estudo e, sobre o assunto, são publicados livros, artigos, documentos oficiais. E é realmente importante falar disto, porque a evangelização é uma causa vital para a Igreja e para o mundo. Todavia, há sempre o risco de parar na teoria... Mas aí entram os movimentos e as novas comunidades, que para tantos leigos se tornam verdadeiras escolas de missão. Os novos carismas geram multidões de pessoas – homens e mulheres, jovens e adultos -, solidamente formadas na fé, cheias de zelo, prontas a anunciar o Evangelho. Não se trata de estratégias estudadas em uma escrivinha, mas de projetos “vivos”, experimentados em tantas histórias

pessoais e na vida de tantas comunidades cristãs, projetos “prontos para o uso”, por assim dizer... É este o grande recurso da Igreja dos nossos dias.

5. Quando refletimos sobre o fenômeno dos movimentos eclesiais e das novas comunidades na Igreja, podemos notar como o termo “movimento eclesial” abrace realidades agregativas de fiéis muito diferentes entre si, realidades extremamente heterogêneas. Vale a pena, então, indicar com clareza qual seja o seu denominador comum e a fonte da sua fecundidade evangelizadora. A resposta a tais quesitos é encerrada em uma só palavra: o carisma. Foi o próprio Concílio Vaticano II a despertar novamente e a alimentar a consciência da dimensão carismática da igreja e da vida cristã enquanto tal. Na *Lumen gentium* nós lemos que o Espírito Santo conduz a Igreja «à verdade total (cfr. Jo. 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos.» (n. 4) E mais adiante lemos ainda: «este mesmo Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas «distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz» (1 Cor. 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ; «a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum» (1 Cor. 12,7). Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja.» (n.12)

Do grande tesouro carismático da Igreja, fazem parte, então, de modo particular os carismas nascentes dos movimentos eclesiais e das novas comunidades. Na *Christifideles laici*, o Beato João Paulo II explica claramente a dinâmica do surgimento de uma realidade agregativa a partir do seu carisma nascente: «Também aos nossos dias não falta o florescer de diversos carismas entre os fiéis leigos, homens e mulheres. São dados ao indivíduo, mas também podem ser partilhados por outros e de tal modo perseveram no tempo como uma herança preciosa e viva, que gera uma afinidade espiritual entre as pessoas» (n.24). Os carismas, então, são dados “ao indivíduo” e, daí deriva o papel eminente dos fundadores dos movimentos e das novas comunidades, também estes muito diferentes entre si: homens e mulheres leigos, pessoas consagradas, sacerdotes... Mas é o próprio carisma nascente (e não a pessoa do fundador!) a gerar entre as pessoas, que se sentem atraídas por esta nova proposta de vida cristã, uma fortíssima “afinidade espiritual”. É de tal afinidade que nasce um movimento eclesial ou uma nova comunidade! Portanto, a unidade no interior destas agregações não é fruto somente daquele clima de amizade e de simpatia puramente humano que se estabelece entre os aderentes. Exatamente porque diz respeito a vínculos de ordem espiritual, a pertença a um movimento eclesial ou a

uma nova comunidade assume logo um caráter “totalizante”, no sentido de que abraça toda a pessoa e todas as dimensões da vida. E nisto se encerra a fonte da extraordinária força educativa destas agregações. E mais: os carismas nascentes dos movimentos e das novas comunidades têm a capacidade de unir em uma mesma comunidade e de nutrir espiritualmente pessoas diversas não só em cultura, tradições e idades, mas também de diferente vocação e estado de vida: leigos, sacerdotes, consagrados... Quanta diversidade e quanta comunhão em vista da missão nós encontramos na Igreja!

Cabe-nos agora afrontar um outro aspecto de extrema importância: o discernimento da genuinidade e da autenticidade dos carismas que surgem dos movimentos e das novas comunidades, bem como a sua correta utilização. A *Christifideles laici*, referindo-se à *Lumen gentium*, insiste: «Nenhum carisma está dispensado da sua referência e dependência dos *Pastores da Igreja*» (n. 24). O discernimento dos carismas é uma tarefa muito delicada e requer um grande senso de responsabilidade pastoral, um estudo aprofundado e um conhecimento concreto das respectivas realidades. De fato, o processo de reconhecimento canônico de cada novo movimento eclesial ou nova comunidade prevê um atento exame dos seus Estatutos e da obra deste movimento ou comunidade na Igreja. Especificamente, a nível de Igreja particular, este se desenvolve sob a autoridade do Bispo diocesano, enquanto a nível de Igreja universal, sob a guia do Pontifício Conselho para os Leigos<sup>28</sup>. Ao término do processo previsto, é emitido um decreto de reconhecimento canônico de um movimento eclesial ou de uma nova comunidade que se configura assim como uma associação de fiéis de direito privado ou público, dotada de personalidade jurídica (cfr. CIC, can. 313 e 322 § 1). Não raramente, este processo de reconhecimento é vivido pelos fundadores dos movimentos com um notável desconforto, pelo fato de que os instrumentos jurídicos atuais não são plenamente adequados para expressar a riqueza do carisma em todas as suas facetas e nuances de significado. Naturalmente, este processo lança uma série de desafios também para aqueles que são chamados a julgar a autenticidade dos carismas. As vias do Senhor na história não são sempre fáceis de perscrutar e entender! Por este motivo, o Beato João Paulo II quis elencar na *Christifideles laici* cinco critérios claros e precisos de discernimento e de reconhecimento das agregações laicais, ditos “critérios de eclesialidade”, extremamente úteis para os pastores<sup>29</sup>. Nesta sede, limito-me a uma simples menção, já que se trata de critérios bem conhecidos. Todavia, a missão dos pastores não se restringe à tarefa de discernimento dos carismas, de reconhecimento jurídico e de aprovação dos estatutos de um movimento eclesial e de uma nova comunidade. Tal missão deve continuar com um paterno acompanhamento e com uma atenta vigilância acerca do trabalho destas realidades agregativas. Estes novos carismas têm forte necessidade de tal acompanhamento e esperam o mesmo.

---

<sup>28</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, Constituição apostólica sobre a Cúria romana *Pastor Bonus*, art.134.

<sup>29</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles laici*, n. 30.

6. De fato, a carga de novidade que movimentos eclesiais e novas comunidades trazem na Igreja não raramente, além do estupor, suscita questionamentos e pode causar uma certa desordem na praxe consolidada da assim chamada pastoral ordinária. Dizia Papa Wojtyła: «Sempre, quando intervém, o Espírito nos deixa maravilhados. Suscita eventos cuja novidade causa admiração». <sup>30</sup> Os movimentos, então, constituem também um desafio, uma salutar provocação que a Igreja é chamada a aceitar. Com o seu próprio modo de “ser cristãos”, estes recolocam em questão o “cristianismo cansado” (Bento XVI) de tantos batizados, um cristianismo só de fachada, cheio de comprometimentos, confuso. O sacerdote dissidente russo Alexander Men, assassinado em 1990, em uma de suas pregações feitas nos escuros anos das perseguições religiosas, dizia que o maior inimigo dos cristãos, no fundo, não era o ateísmo, combatente do Estado Soviético, mas sim o pseudo-cristianismo que muitos batizados traziam dentro de si. <sup>31</sup> Palavras que realmente mexem com nossas consciências. Enfim, para o cristão, o verdadeiro grande inimigo é a mediocridade, a resistência a crer realmente no Evangelho. Os movimentos, com a sua transbordante paixão missionária, põem de novo em cheque um certo modo de “ser Igreja”, talvez confortável e acomodado. O cardeal Ratzinger, há alguns anos atrás, escreveu sobre um «pragmatismo cinza da vida quotidiana da Igreja (...) no qual aparentemente tudo acontece normalmente, mas na verdade a fé se desgasta e cai na mesquinhez». <sup>32</sup> A uma Igreja de “tranquila conservação” os movimentos lançam o desafio de uma Igreja missionária, corajosamente projetada para novas fronteiras. Ajudam a pastoral paroquial e diocesana a reencontrar a força profética e o impulso necessário. Nos nossos dias, a Igreja tem grande necessidade de abrir-se a esta novidade gerada pelo Espírito: “Eis que realizo uma coisa nova: já está brotando, não o vedes?” (Is 43,19).

Movimentos eclesiais e novas comunidades são um “dom providencial” que a Igreja deve receber com gratidão e senso de responsabilidade, para não desperdiçar a oportunidade que estes representam. Um dom que é ao mesmo tempo um dever, seja para os fiéis leigos como para os próprios pastores. Que dever? João Paulo II insistia muito sobre o fato de que estas novas realidades eclesiais são chamadas a inserir-se nas dioceses e nas paróquias “com humildade”, colocando-se a serviço da missão da Igreja e evitando qualquer forma de orgulho, qualquer postura de superioridade de umas em relação às outras, em espírito de comunhão eclesial e de sincera colaboração. Mas ele pedia também aos pastores – bispos e párocos – para que as acolhessem “com cordialidade”, reconhecendo e respeitando o carisma de cada uma e acompanhando-as com paterna solicitude. <sup>33</sup> Também nisto vale a regra de ouro

---

<sup>30</sup> JOÃO PAULO II, *Aos participantes dos movimentos eclesiais e das novas comunidades na vigília de Pentecostes*, 30.05.1998.

<sup>31</sup> Cfr. T. PIKUS, *Aleksander Mien*, Verbinum Warszawa 1997, p. 37.

<sup>32</sup> J. RATZINGER, *Fede, Verità, Tolleranza. Il cristianesimo e le religioni del mondo*, Cantagalli, Siena 2003, p. 134.

<sup>33</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio*, n. 72.

formulada por São Paulo: “Não apagueis o Espírito, não desprezeis a profecia, examinai tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5,19-21).

Quando ainda era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger, forneceu critérios bastante claros para o discernimento e a inserção destas novas realidades no tecido das Igrejas particulares, a começar pelo princípio de apostolicidade.<sup>34</sup> A este propósito, uma missão particularmente delicada diz respeito aos bispos. Dizia o então cardeal: «Ocorre que se diga claramente também às Igrejas locais, também aos bispos, que não lhes é consentido desculpar qualquer pretensão de uniformidade absoluta na organização e na programação pastoral. Não podem erguer seus projetos pastorais como paradigmas daquilo que ao Espírito Santo é consentido operar: diante de meros projetos humanos pode acontecer que as Igrejas se tornem impenetráveis ao Espírito de Deus, à força da qual essas vivem».<sup>35</sup> E convidava as duas partes – movimentos e pastores – a deixar-se educar e purificar pelo Espírito Santo.<sup>36</sup> Quando se fala da integração dos movimentos e das novas comunidades na vida das Igrejas particulares e nas paróquias é bom ter presentes estas palavras. Como pontífice, Joseph Ratzinger continua a indicar o critério da docilidade à ação do Espírito Santo no próprio seio da comunidade eclesial. «Na minha opinião, este é precisamente o outro aspecto importante: esta comunhão genuína, por um lado entre os diversos movimentos, cujas formas de exclusivismo devem ser eliminadas e, por outro entre as Igrejas locais e estes mesmos movimentos, de tal maneira que as Igrejas locais reconheçam esta particularidade, que para muitos parece estranha, e que a acolham em si como uma riqueza, conscientes de que na Igreja existem numerosos caminhos e que todos juntos formam uma sinfonia da fé».<sup>37</sup> Recordando em uma outra ocasião dos dois princípios fundamentais da relação Igreja/movimentos, Bento XVI também afirmou: «a primeira regra foi-nos dada por São Paulo, na primeira Carta aos Tessalonicenses: não apagar os carismas. Se o Senhor nos oferece novos dons, devemos ser gratos, embora às vezes eles sejam incómodos. E é bom que, sem iniciativas da hierarquia, com uma iniciativa a partir da base, como se diz, mas também com uma iniciativa realmente a partir do Alto, ou seja, como dom do Espírito Santo, nasçam novas formas de vida na Igreja, como de resto nasceram em todos os séculos. [...] A segunda regra é esta: a Igreja é una; se os Movimentos são realmente dons do Espírito Santo, inserem-se e servem a Igreja e, no diálogo paciente entre Pastores e Movimentos, nasce uma forma fecunda onde estes elementos se tornam elementos edificantes para a Igreja de hoje e de amanhã. [...] Agora, como síntese das duas regras fundamentais, diria: gratidão, paciência e aceitação também dos sofrimentos, que são inevitáveis».<sup>38</sup> Aos bispos, o Papa Bento XVI pede para irem «ao encontro dos movimentos com

<sup>34</sup> Cfr. J. RATZINGER, *I movimenti ecclesiali e la loro collocazione teologica*, cit., p.48.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>36</sup> Cfr. *ibidem*, p. 49.

<sup>37</sup> BENTO XVI, *Incontro con i vescovi della Germania*, cit., p. 350.

<sup>38</sup> BENTO XVI, *Encontro com os párocos e o Clero da diocese de Roma*, “L’Osservatore Romano”, 24 febbraio 2007, pp.7-8.

muito amor. Em certos aspectos (estes) devem ser corrigidos, inseridos no conjunto da paróquia ou da Diocese. Mas devemos respeitar o carácter específico dos seus carismas e ser felizes por nascerem formas comunitárias de fé em que a palavra de Deus se torna vida».<sup>39</sup>

Estes ensinamentos, que oferecem seja aos pastores como aos movimentos, coordenadas precisas para a sua missão na Igreja. Assumem particular importância no contexto da Igreja latino-americana que, com a Conferência de Aparecida e com a grande missão continental, quis fazer uma escolha em favor dos movimentos eclesiais e das novas comunidades: um grande sinal de esperança.

---

<sup>39</sup> BENTO XVI, *Discurso aos Bispos da Conferência Episcopal da República Federativa da Alemanha, em visita “ad limina”*, 18.11.2006.